

# FHC e o Nordeste

**N**a entrevista coletiva concedida ontem a jornalistas brasileiros e estrangeiros, o presidente Fernando Henrique Cardoso cuidou de demolir o suporte político das críticas ao seu governo por suposta omissão no combate à seca no Nordeste. Os dados que arrolou exibem ações significativas para reduzir os efeitos do clima traiçoeiro da região, embora mediante gastos contidos pela crise nas finanças públicas.

O problema é que os programas de re-  
denção econômica até hoje postos em prática situam-se no nível de um impasse estrutural ainda não rompido. O semi-árido nordestino necessita de fontes perenes de água e de meios capazes de distribuí-la com eficiência para escapar às estiagens, fenômeno cíclico e de efeitos aterradores. Enquanto a questão básica dos suprimentos hídricos não for resolvida, a seca continuará a cobrar sua cota de drama e miséria.

A revelação do presidente FHC de que sua gestão já aumentou em 40% as disponibilidades de água nos espaços sujeitos a estiagem é um dado que reflete a aceitação de um desafio significativo.

Causam impressão favorável, também, as 52 obras realizadas para obter, represar e canalizar massas líquidas para servir à agricultura e proteger as populações quando houver escassez de chuvas. Um exemplo de tal esforço, destacado na fala presidencial, são os 1.300 quilômetros de adutoras construídas na região, extensão correspondente à distância entre Brasília e Rio de Janeiro. Só este ano, R\$ 400 milhões

foram consumidos em obras do gênero.

Pela primeira vez, contudo, a trágica situação vai inspirar a formação de nova consciência. O compromisso do presidente FHC, de fato, é o de buscar a transformação por diversas vias de dignificação do homem, no plano social, educacional e econômico. É o que se deduz de sua decisão de associar programas de "alfabetização solidária" a um outro destinado ao aproveitamento de mão-de-obra para atender a um milhão de trabalhadores.

As perspectivas de desenvolvimento econômico no Nordeste se projetam sobre um quadro que não será favorável em presença da má qualificação do homem, da ignorância e da incultura política consequente à falta de educação e informação. O cenário humano desolador, sabem os que conhecem a região em profundidade, resulta em parte considerável da alienação das populações quanto ao gozo dos direitos de cidadania. O povo posto em semelhante escuridão — é o que ocorre de forma histórica — se transforma em massa de manobra de interesses políticos personalistas, escusos, imorais.

Diante da exposição presidencial perdem grande parte de sua força política as censuras sobre a inoperância do governo em relação ao desastre climático no Nordeste. O pecado governamental é comunicar-se de maneira precária. E, assim, propiciar a consolidação de julgamentos injustos, quase sempre acolhidos pela opinião pública com o sentido de sentença irrecorrível.